

Ministério do Turismo e Belgo Bekaert apresentam

Feira (2020)

BF | BLOG DA FEIRA

Feira (2 0 2 0)

BF | BLOG DA FEIRA

Feira (2020)

Daniel Rego (Organizador)

André Pomponet, Antonio Rosevaldo, Daniel Rego, Jânio Rêgo,
Kareen Mendes, Laila Geovana Beirão & Socorro Pitombo

Dezembro de 2020

Projeto gráfico:

João Moro de Oliveira

Foto da capa:

Joá Souza | Shutterstock.com

Patrocínio:



Realização:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de Acordo com ISBD

F229 Feira: (2020) [livro eletrônico] / organizador Daniel Rego; André Pomponet... [et al.]. – Feira de Santana: Blog da Feira, 2020.
62 p. : il. ; PDF

Formato: Digital
ISBN: 978-65-993367-1-3

Textos retirados do site Blog da Feira.

1. Feira. 2. Feirenses. 3. Feirantes. 4. Pandemia. 5. Retrato social. I. Título. II. Rego, Daniel. III. Pomponet, André.

CDU: 339.174(813.1)

Introdução

Este livro se propõe a ser um retrato. Como tal, não anseia uma transcendência que sequer poderia entregar; não propõe uma grande teoria organizacional; não espera interpretar todos os fatos que apresenta.

Nem por isso, o livro deixa de ter uma unidade. Ele quer (e isso não é tarefa pouca!) mostrar como viveram, o que fizeram e o que pensaram alguns dos habitantes da Feira em um ano tão turbulento como foi o de 2020. Muitas questões se apresentaram para os feirenses e feirantes no ano: além da pandemia, que assolou toda a humanidade e forçou a mudança do próprio sentido de “normal”, os habitantes da segunda maior cidade baiana tiveram que suportar perdas, que apreender novas e velhas formas de organização do espaço público, que escolher seus representantes, que definir um rumo para a cidade na próxima década.

Disse que este livro é um retrato. Mas talvez devesse dizer que é uma pintura impressionista a várias mãos. Não tem um único autor e não busca ser uma mera reprodução mecânica da realidade. Foram os colunistas e colaboradores do Blog da Feira que, comprometidos com sua terra natal ou adotiva, dedicaram algumas linhas a ela. São: Jânio Rêgo, André Pomponet, Laila Beirão, Socorro Pitombo, Antônio Rosevaldo, Kareen Mendes e aquele que vos escreve está já enfadonha introdução.

Os capítulos a seguir foram publicados no [Blog da Feira](#) e encontram-se disponíveis para acesso na internet. Eles foram aqui organizados e sistematizados para que se apreenda a dimensão do singular ano de 2020.

Agradecimentos são devidos a todos aqueles que colaboraram com a realização deste projeto, especialmente ao Prêmio Cultura e Desenvolvimento Local, que o tornou possível com o financiamento do Ministério do Turismo e da Belgo Bekaert Arames.

Daniel Rego

Sumário

Centro

O “eterno retorno” de camelôs, ambulantes e feirantes ao centro ANDRÉ POMPONET 2 DE MARÇO DE 2020	10
Adeus barracas na Sales Barbosa JÂNIO RÊGO 5 DE OUTUBRO DE 2020	12
Adeus Maré, adeus Marechal JÂNIO RÊGO 8 DE OUTUBRO DE 2020	13
Shopping popular continua vazio e o saxofonista no beco JÂNIO RÊGO 7 DE OUTUBRO DE 2020	15
A pedra debaixo do oiti no centro da Feira JÂNIO RÊGO 16 DE OUTUBRO DE 2020	16
Freio de arrumação no centro da Feira JÂNIO RÊGO 13 DE OUTUBRO DE 2020	17
Tire seus pés sujos das minhas calçadas JÂNIO RÊGO 1 DE OUTUBRO DE 2020	19
A cidade é minha, sua e dos camelôs ANTONIO ROSEVALDO 28 DE AGOSTO DE 2020	20

Pandemia

Sábado de quietude no centro de Feira ANDRÉ POMPONET 21 DE MARÇO DE 2020	22
A crônica da Micareta que não aconteceu ANDRÉ POMPONET 26 DE ABRIL DE 2020	24
Surge o cliente mascarado nos bares da Feira ANDRÉ POMPONET 5 DE ABRIL DE 2020	26
O silêncio do Bando e as memórias da cultura andantenas ruas de Feira SOCORRO PITOMBO 14 DE JULHO DE 2020	28
Uma 'story' no facebook (de antes da pandemia) JÂNIO RÊGO 3 DE AGOSTO DE 2020	30
Cocada do Galego JÂNIO RÊGO 29 DE AGOSTO DE 2020	32
O silêncio das máscaras JÂNIO RÊGO 12 DE AGOSTO DE 2020	34

Gentes

O relojoeiro vai voltar pra casa JÂNIO RÊGO 16 DE MARÇO DE 2020	36
Bié e Santinha JÂNIO RÊGO 7 DE MARÇO DE 2020	38
Ana da Maniçoba, patrimônio singular de Feira de Santana LAILA GEOVANA BEIRÃO 10 DE MARÇO DE 2020	39
Juarez você conhece; é Feira JÂNIO RÊGO 18 DE OUTUBRO DE 2020	41
Malaca e o baterista incidental no centro da Feira JÂNIO RÊGO 19 DE OUTUBRO DE 2020	42
Cigana e 'seu' Paulo JÂNIO RÊGO 7 DE MAIO DE 2020	43
E lá se foi MTF sem exéquias JÂNIO RÊGO 28 DE SETEMBRO DE 2020	44
Quero o Beco de volta, o Beco do Punk! KAREEN MENDES 2 DE OUTUBRO DE 2020	45
Márcio Punk e a saga dos vaqueiros da Feira JÂNIO RÊGO 20 DE SETEMBRO DE 2020	46
Parabéns pra você JÂNIO RÊGO 25 DE AGOSTO DE 2020	48
Bar de Zequinha, picanha elero-lero na Getúlio JÂNIO RÊGO 9 DE AGOSTO DE 2020	49
Feché a conta, Veridiano! JÂNIO RÊGO 12 DE NOVEMBRO DE 2020	50

Destinos

Feira é barril dobrado

LAILA GEOVANA BEIRÃO | 9 DE SETEMBRO DE 2020

53

A crônica da farinha de mandioca

ANDRÉ POMPONET | 25 DE JUNHO DE 2020

54

Vendedores de hoje e de ontem nas ruas da Feira

ANDRÉ POMPONET | 30 DE JUNHO DE 2020

56

Novo Beco da Energia

JÂNIO RÊGO | 31 DE OUTUBRO DE 2020

58

A Feira entre ato e potência de bem-viver

DANIEL REGO | 13 DE NOVEMBRO DE 2020

60



FEIRA LIVRE



FEIRA
(2020)

Centro

O “eterno retorno” de camelôs, ambulantes e feirantes ao centro

ANDRÉ POMPONET | 2 de março de 2020



O imbróglio envolvendo o polêmico Shopping Popular na área do antigo Centro de Abastecimento continua rendendo. Hoje (02), mais uma vez, camelôs e ambulantes compareceram à Câmara Municipal em nova manifestação. Portando cartazes e entoando palavras de ordem, eles exigiram engajamento dos vereadores para resolver a pendenga, sobretudo em relação às taxas cobradas no empreendimento.

A prefeitura – responsável pela Parceria Público-Privada com uma empresa particular – anuncia um cronograma que estabelece o fim de março como prazo final para todos os camelôs e ambulantes deixarem o centro da cidade. Segundo informações oficiais, boa parte dos 1,8 mil trabalhadores que atuam nas vias centrais da cidade já assinou contrato e recebeu as chaves.

Só que a polêmica permanece. E em meio ao enrosco, a Defensoria Pública do Estado resolveu intervir. Está em curso uma ação civil pública visando defender os interesses dos camelôs e ambulantes, de acordo com o documento elaborado pelos defensores.

Nele, alega-se que o “referido projeto não atende ao interesse público, tampouco visa melhorar as condições de trabalho dos camelôs e ambulantes de Feira de Santana”. Na visão dos defensores, o projeto “acirra o processo de gentrificação e privatização do espaço público”.

Os conflitos relacionados à ocupação das vias públicas no centro da Feira de Santana por camelôs, ambulantes e feirantes são antigos. Remontam à época da transferência da feira-livre para o Centro de Abastecimento, em meados dos anos 1970. A resistência foi grande na ocasião, mas prevaleceu a força do poder público e o discurso da “modernidade” como instrumento de convencimento.

Desde então, porém, houve incessantes tentativas de retorno de camelôs, ambulantes e feirantes às ruas do centro. As tensões com os lojistas – que se julgavam livres a partir da inauguração do Centro de Abastecimento – foram constantes.

Crises econômicas, desemprego, conveniência para os consumidores e certa leniência do poder público – mesmo com a eventual atuação do “rapa” – contribuíram para o cenário atual. Nem o “Feiraguay” foi capaz de dar vazão às levadas de trabalhadores que recorriam à informalidade para garantir a própria subsistência e de suas famílias.

Depois de décadas de muito conflito, a proposta da prefeitura é ambiciosa: remover todo mundo e bancar uma revitalização das vias centrais, talvez nos termos do que se processa no Centro Antigo de Salvador.

É uma aposta alta, sobretudo porque o retorno de camelôs e ambulantes ao centro não pode ser descartado. Afinal, já se verificou no passado e um aspecto pode ser determinante para se verificar esse movimento mais uma vez: caso se tornem indimplentes e percam o direito de trabalhar no Shopping Popular, para onde vão esses trabalhadores?

Esta é, sem dúvida, a principal questão a ser respondida no momento.

[Link do artigo no blog](#)

Adeus barracas na Sales Barbosa

JÂNIO RÊGO | 5 de outubro de 2020

Nesta segunda-feira à tarde caminhões e operários faziam a retirada das últimas barracas restantes no Calçadão da Rua Sales Barbosa. Houve interdição de tráfego inclusive para pedestres. Tudo muda e parece até que algumas coisas retornam. A velha Galeria Caribé, com seus boxes colados à parede, joalheiros, óticos, armazinhos, tornou-se de súbito outra vez o melhor atalho entre o calçadão e a Getúlio Vargas para quem vai para a descida da Olímpio Vital ou a Conselheiro Franco ou vice-versa.



Por entre os caminhões da Prefeitura (foto) vi de longe o local onde era a cocada do Galego exatamente defronte à soberba palmeira imperial de que já falei por aqui. De longe, também, vi a feirinha de frutas ainda vibrante, espremida entre os tabiques do “novo centro”. Segui para o Map.

Numa esquina das ruas do mercado de arte popular (que deviam ter nomes pitorescos e populares da cidade....) está o boxe de Nilton Rasta, o artesão dos sons percussivos, referência de cidadania e afro-descendência, antigo permissionário e homem, a meu ver e ouvir, com uma visão aberta da cidade. Crítico feroz. Mas no meio da conversa há sempre algo mais sobre a cidade, sobre a Rua Nova principalmente, que é seu berço e raiz.

Depois de Nilton sigo pensando na Marechal, tem ainda Cleia do Beiju e Jurivaldo Folheteiro, mas desviei do caminho já lá no passeio da praça, desguiando para o estacionamento da Prefeitura onde é quase certo encontrar uma conversa animada. Não deu outra.

[Link do artigo no blog](#)

Adeus Maré, adeus Marechal

JÂNIO RÊGO | 8 de outubro de 2020

A barraca de *Dó Falcatrua* vai renascer como a fênix em um box no shopping popular nos próximos dias, foi o que garantiu a proprietária aos seus fregueses, sem que ninguém fizesse muita fé, um dia antes de retirar freezers e mercadorias e ela fosse guinchada pelos operários a serviço da Prefeitura de Feira de Santana nesta quinta-feira, 8 de outubro. Hoje pela imprensa um secretário avaliou que existiam mais de 100 barracas nessa rua de Feira de Santana.

A barraca de *Dó Falcatrua* ficava em uma das 'penínsulas' das calçadas da Marechal, mais precisamente entre as entradas para os becos da Energia e Mocó. Era uma barraca estratégica sob todos os pontos de vista e deduções, comerciais ou pessoais.

Final de tarde na Marechal é hora de fechar o cesto, embalar mercadoria, vê o ganho e o desganho. O *happy hour* em Dó era certo. Gengibre manso descendo na garganta, tira gosto de passarinha com bem pimenta e uma cerva bem gelada *pra lavar* não se encontrava melhor na Maré.

Vendedores de frutas, verduras, empregadas das lojas, ambulantes, camelô, as meninas das barracas da frente, a doida da matriz, o pessoal da cebola, motoristas das distribuidoras, gerente, dono de carrinho-de-mão, guardador de carro, a empregada doméstica no Sim, pessoal da sales barbosa, o jornalista Everaldo Góes, o produtor cultural Marcelo Silva, o grafiteiro Charles Mendes, o PM aposentado, o artista Márcio Punk, o economista Roberto Carneiro, Wilson Mário, Antonio Rosevaldo, Ovídio Amaral, o jornalista André Pomponet, o vendedor de flanela filho de uma puta que morreu no Beco da Energia, a travesti que casou com o americano, o vendedor de meia cego de um olho, outro parecido com Caculé, um *avião* do Aviário, o comerciante do mercado de arte, um cambista de jogo de bicho com uma perna amputada, o ambulante do carro de rodas...todos esses passaram pela barraca de Dó.

Se houvesse lua, saudava-se a lua, brindava-se o frio de agosto, se fosse o caso, anunciava-se até o bando anunciador...





*Adeus Maré, muito de ti gostei, tomei
cerveja gelada, vendi côco e amen-
doim, comprei caju pra cachaça e co-
mida pra **soim**. Metido a poeta ruim,
o cearense vendedor de rede fez esse
‘pé quebrado’ quando soube que era
iminente o fim da Marechal e da bar-
raca vermelha. Foi o que restou.*

[Link do artigo no blog](#)

Shopping popular continua vazio e o saxofonista no beco

JÂNIO RÊGO | 7 de outubro de 2020

As barracas do calçadão da Sales Barbosa e adjacências saíram na terça-feira e hoje (quarta, 7) o saxofonista ambulante estava lá ocupando o lugar de uma delas no “Beco do INSS”. No chão o recipiente para eventuais contribuições dos passantes e o resto é com ele, o instrumento e a música. Em Paris são permitidos aos músicos as ruas e calçadões, e a Feira não quer ser diferente...

Lá embaixo, no antigo e bom Centro de Abastecimento o Shopping Popular continua vazio, com mais da metade dos boxes ainda fechados.

Não precisa ser técnico para deduzir que a escada rolante que liga ao estacionamento não funcionará tão cedo e que não vai demorar a haver reclamações sobre os sanitários, coloridos mas desconfortáveis e pequenos para a população prevista.

Mas o escritório da administração e vendas está funcionando intensamente e há um comércio crescendo na entrada que fica para a descida da rua Recife e a praça do Tropeiro que, coitadinha, parece tão degradada e humilhada diante da portentosa construção que tem defronte.

Fique tranquilo, há muitos operários e técnicos fazendo montagens, adaptações, fachadas, pisos, parte elétrica.

Há também já muitas lanchonetes e pequenos restaurantes abertos, como no espaço entre os dois galpões – cereais e carnes – que ficaram incorporados.

Na linha entre shopping e o resto do Centro de Abastecimento está uma ‘Feira Livre’ onde estão as bancas de verduras e frutas.

Tudo ainda com pouco movimento para o tamanho que tem. Mas não há como negar que é apenas uma “questão de tempo”.



[Link do artigo no blog](#)

A pedra debaixo do oiti no centro da Feira

JÂNIO RÊGO | 16 de outubro de 2020



Dizem que ela está ali desde a feira-livre, servindo na montagem das barracas e tendas que eram espalhadas pelas ruas do centro da cidade. Se contar da data da última grande feira, aquela retirada nos anos 70 do século passado, pelo então prefeito José Falcão, são mais de 40 anos dessa pedra aí no coração de Feira de Santana na praça do Mercado de Arte Popular (também chamada J. Pedreira....) entre a Marechal e a Sales Barbosa, perto do Abrigo Predileto, na grande avenida do BRT, a Getúlio Vargas....Essa pedra é um patrimônio! Everaldo Goes, jornalista, irônico, ferino, diria, *não diga isso, senão eles vão lá e destroem!* mas eu tenho que dizer porque se destruírem estará dito para que o crime seja conhecido!

Dizem é sempre uma palavra irresponsável... não há como provar que tenha essa pedra servido a verdureiros, vendedores de caldo-de-cana, de louça de barro, de fumo-de-corda, de couro de bode, de chapéu de couro, de trempe pra fogão, de roupa de brim, a cordelistas, folheteiros, à inumerável fauna profissional daquela feira-livre que Jean Paul Sartre viu e, dizem (isso é muito perigoso, quase fake news!!) chegou até a comprar gado para seu amigo Jorge Amado criar em fazendas de cacau no sul da Bahia...o povo de Feira inventa muito acerca dessa visita do filósofo francês...Marcelo Silva coleciona histórias ouvidas na Marechal sobre essa visita....teria o existencialista sentado nesta pedra a pensar como o homem dessa foto tirada por Carlinhos Pedrosa? Dizem...

[Link do artigo no blog](#)

Freio de arrumação no centro da Feira

JÂNIO RÊGO | 13 de outubro de 2020

Calçadas desimpedidas de barracas e lojas vazias de consumidores. Tráfego suave. Nem engarrafamento teve hoje aqui na Conselheiro, me diz Jorginho no Mandacarú tomando uma cerveja no balcão, antes de me responder que Ciso, meu amigo Narciso, do sebo na esquina do beco, foi almoçar na casa dele ali por perto do Ali Babá, o clube onde Waldick Soriano fez suas últimas apresentações em Feira de Santana antes de morrer e do qual é um dos sócios-fundadores o fotojornalista Reginaldo Tracajá, título comprado ao seu amigo Joel, já falecido. Fiz questão de me estender porque sei que alguns leitores(as) podem não saber de que Ali Babá se tratava. E Feira, como disse o Rei Nelsinho, pode ser parecida com Nova York mas com Bagdá não!



foto: calçada da Sales Barbosa com o Mercado de Arte Popular (MAP) e a palmeira imperial lá na praça do Lambe Lambe.

La embaixo no shopping popular, feito com o propósito de criar novo fluxo de comércio com a saída das barracas, é visível o crescimento, embora lento lentíssimo, do vai-e-vem de pessoas, olhando lojas abertas e muitas, muitas mesmo (chute: 95%) fechadas, operários abrindo fachadas, montando portas de correr, pintando, colocando piso...há clientes novos no restaurante de Machado, no Galpão das Farinhas, e até as meninas que vendem jogos voltaram a passar por lá, vendedores de chapéus, coisas que mesmo antes da pandemia não existiam mais porque não haviam fregueses. Soube que até o candidato a prefeito do Novo, Carlos Medeiros, descobriu o bom sabor do restaurante e tem dia marcado na semana para estar lá... Não posso dizer o mesmo das feirantes, escanteadas para trás dos dois galpões, nem vejo vendedoras de verduras circulando...não vão poder circular, com seus aventais, seus molhos de coentros....?

Mas de repente para muitos não há por enquanto razão para ir ao centro nem ao shopping popular. Não tem barraca no calçadão e o shopping ainda não está a ple-nos pulmões. Ao contrário, tá respirando pelo tubo.

Há uma retração que parece ser geral. Dados do IBGE mostram um número negativo, de -3,5%, do índice acumulado do volume de vendas no comércio varejista da Bahia.

Enfim, lembrei do freio de arrumação. O centro de Feira de Santana está sofrendo um desses. Torcer para não haver muitos feridos.

[Link do artigo no blog](#)

Tire seus pés sujos das minhas calçadas

JÂNIO RÊGO | 1 de outubro de 2020

tire essa feira daí!!!

que coisa mais sem propósito na cidade da feira...

tire essa feira daí.

mande essas mães de família irem cuidar de seus filhos...

mande esses homens cuidarem de ganhar dinheiro em outra distração...

a rua é para os carros, as calçadas para os pedestres...

a feira não é pra feirantes...

as calçadas são para os escarpans das madames

as ruas para os pneus.

tirem seus pés sujos das minhas calçadas...

tirem essa feira daqui!!!

[Link do artigo no blog](#)

A cidade é minha, sua e dos camelôs

ANTONIO ROSEVALDO | 28 de agosto de 2020

Sinceramente, você acha que este cacete armado tem condições de resolver o problema dos camelôs no centro de Feira de Santana? Vamos lá, o grupo UAI, dono do prédio, construído em terreno público, diz que está apto a receber 1800 ambulantes. Hoje, estimamos em 13 mil ambulantes comercializando em Feira.

Viu? A conta não bate, não tem como resolver o problema. E você leitor(a) pode observar que para construir este armengue, a prefeitura expulsou centenas de trabalhadores, incluindo os artesãos que, por sinal, estão literalmente morrendo de desgosto e necessidades, devido à falta de vendas, onde foram empilhados num prédio armengado. Pessoas de idade avançada não suportaram o corte de sua rotina e modo de sobrevivência e, simplesmente se entregaram à depressão, AVCs, infartos e outras comorbidades. Se você duvida, tente dar uma passada no armengue em que colocaram os mesmos, a tristeza impera naquele local. Pois então, eles saíram do centro de abastecimento para dar lugar a construção do cacete armado. Outros seres humanos que vendiam produtos, tiveram de subir para a Marechal Deodoro e tentar vender e sobreviver.

Agora a prefeitura está tocando o terror, obrigando os pobres trabalhadores do centro a alugarem boxes com preços de R\$600 a R\$800 por mês, coisa que a maioria não tem condições de pagar, apenas com o intuito de produzir imagens para uma campanha eleitoral.

Tem sido linda a resistência dos trabalhadores do centro, condutores de sua luta, escapando dos oportunistas, que desejam se aparecer às custas do seu sofrimento, alguns até induzindo ao confronto físico, mas eles sabem a dor e a delícia de ser o que são.

Lutam, mostram a cidade que sua sobrevivência faz a cidade ter a cara que leva o seu nome: Feira de Santana e não Feira de Político sem expressão. Não temos mais aqui um Chico Pinto, um político de expressão nacional e até mundial. Temos apenas líderes locais, empresários locais, em tempos globais, somos locais, mas os camelôs, ah estes são mundiais.

A cidade precisa aprender a conviver com estes seres humanos. Já construíram o Centro de Abastecimento e eles voltaram. Agora este cacete armado, que não resolve o dia a dia da cidade, a cidade é nossa, minha, sua e dos camelôs.

[Link do artigo no blog](#)



FEIRA
(2020)

Pandemia

Sábado de quietude no centro de Feira

ANDRÉ POMPONET | 21 de março de 2020

O comércio feirense parou hoje (21). Quem circulou pelo centro da cidade viu lojas fechadas, longos vazios e profundos silêncios. A quietude é rara naquela região sempre febril, agitada. Às vezes, passava um micro-ônibus vazio. No calçadão da Sales Barbosa – prenhe daquelas barracas metálicas – só os seguranças circulavam, despontando às vezes numa esquina qualquer. Desolados, os pombos saltitavam, desajeitados, aguardando um alimento improvável nestes dias de recesso.

Foi o primeiro dia de fechamento do comércio em função da epidemia de coronavírus. Dura, a medida vai aos poucos sendo absorvida pela população. No começo, era comum ouvir resmungos, queixas, reclamações. Mas, à medida que a epidemia se alastra, a aceitação cresce. Mesmo com os inequívocos impactos econômicos que virão.

Alguns tentam burlar a determinação que impede a circulação de passageiros. Ontem, automóveis recrutavam retardatários ali na avenida José Falcão, na famosa saída para Serrinha. Gente que ia para Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe, Tanquinho ou Serrinha. Hoje, perto do antigo Feira Tênis Clube, um sujeito tentava arrebatrar passageiros para Santanópolis.

No começo da tarde, porém, tudo já era quietude. O trânsito de automóveis pelas avenidas feirenses diminuiu. Os pedestres eram muito raros. Quem tinha obrigações ou necessidades, atendeu-as logo pela manhã. O céu – carregado com um mosaico de nuvens encardidas, azuladas, cor de chumbo – tornava o cenário mais dramático.

Domingo a quietude tende a ser maior. Só na segunda-feira – de tanta agitação mercantil – é que o fechamento do comércio vai produzir impacto mais efetivo sobre as pessoas. Nota-se, porém, uma consciência crescente para o problema, mesmo que muitos não abandonem as pequenas tarefas pelas ruas, as mesas dos bares, as celebrações religiosas, julgando-se, talvez, invulneráveis. Esses são os mais suscetíveis.

O flanco aberto aqui na Feira de Santana refere-se à circulação de ônibus interestaduais, que seguem passando pela cidade. Só a Agência Nacional de Transportes Terrestres, a ANTT, vinculada ao governo federal, pode determinar a suspensão. E ela não veio até agora. Jair Bolsonaro, o “mito”, que considera o coronavírus uma “gripezinha”, refuta a medida.

Em franca campanha reeleitoral, embora o pleito só ocorra em 2022, o “mito” teme que a inevitável recessão alveje suas ambições políticas. Daí a insistência em man-

ter a aparente normalidade a qualquer custo, mesmo que seja o de muitas vidas. Os emergentes painéis mostram, porém, que muita gente discorda e a resistência tende a crescer.

Prefeitos e governadores vem adotando medidas corretas para lidar com a epidemia que, caso não seja contida, pode resultar numa grande desgraça, das maiores que esse país já enfrentou. Boa parte da população, portanto, diverge da visão tresloucada do “mito” e de sua trupe.

Agora é manter a disciplina e aguardar os próximos acontecimentos.

[Link do artigo no blog](#)

A crônica da Micareta que não aconteceu

ANDRÉ POMPONET | 26 de abril de 2020

É noite de domingo. E, lá fora, quase tudo é silêncio. Só que, às vezes, ecoa uma voz, uma buzina, o ronco possante de uma moto. Nuvens avermelhadas insinuam chuva. Essa época é de chuva na Feira de Santana. Na Presidente Dutra os raros automóveis avançam, ferindo a meia-luz melancólica com seus faróis. Os transeuntes são raros e mergulham nas sombras. Tudo lembra os domingos comuns, com a população em casa, entretida com a tevê e o celular, aguardando a manhã de segunda-feira.

Não fosse a pandemia do novo coronavírus, a Presidente Dutra deveria estar efervescendo. Luzes multicoloridas, os sons dos trios e dos camarotes animados e, pulsante, a multidão em festa. Nos diversos ambientes da folia, beijos cinematográficos. Naqueles frenéticos cruzamentos de avenidas, gangues de jovens trocando socos sobre o asfalto pegajoso.

Procissões de trabalhadores acorreriam para aquelas cercanias durante quatro dias. A faina de transportar caixas de isopor, quebrar gelo, empilhar junto com a cerveja, apregoar a promoção, entregar a mercadoria, receber o pagamento, devolver o troco. Naqueles barracas decoradas com luzes e cores, foliões impacientes para experimentar drinques exóticos, muito populares.

Não faltariam os felizardos com promessas de novas paixões. Nem os desconsolados decididos a afogar no álcool sua frustração. A algazarra dos encontros ocasionais de amigos. A expressão de poucos-amigos dos militares perfilados. A transmissão ao vivo pelo rádio, pela tevê, pelas novas mídias que surgem todo dia. As músicas que eletrificam a multidão extasiada.

E os políticos? Os quatro dias são de estágio para a campanha. Os mais tímidos – e os que trafegam na faixa da elite – circulam só pelos camarotes, entre sorrisos embalados a uísque. Os mais intrépidos circulam no meio do povão, são reconhecidos, cumprimentam, ouvem queixas, embriagadas declarações de apoio. Depois as fotos vão reluzir nos ambientes virtuais ou nessas exposições que acontecem todos os anos.

Só que a Micareta foi adiada – com absoluta sensatez – e o que resta, na crônica, são projeções, devaneios sobre a festa que não houve. Projeções coalhadas de reminiscências que teimam na memória. Lá fora tudo é silêncio. Só que o som dos trios, os DJ nos camarotes, os gritos de quem celebra, ri, festeja ou de quem mesmo na festa tenta entabular papo sério reverberam, mesclam-se às imagens projetadas do que não aconteceu.

É triste ver a Feira de Santana sem a sua Micareta? É. Mas pior é viver a festa e viver as dores de ver gente sofrendo, agonizando, morrendo nas filas das unidades de saúde no meio da pandemia descontrolada. Essas são imagens que ninguém quer ver. Então é melhor ficar com aquelas da festa que não aconteceu, mas que, lá adiante, será retomada com o autêntico espírito festivo do feirense...

[Link do artigo no blog](#)

Surge o cliente mascarado nos bares da Feira

ANDRÉ POMPONET | 5 de abril de 2020

O sábado à tarde serve para se afogar as ansiedades e tensões do cotidiano. Muita gente, que trabalha pela manhã, arremata a jornada em ruidosas confraternizações com colegas de trabalho. É na mesa do bar – entre generosos goles de cerveja – que se resenha, ruidosamente, o passado; se descortina o futuro com olhos sonhadores; e, delicadamente, contorna-se o presente, sobretudo quando ele é aziago.

Em milhares de mesas dos incontáveis bares feirenses inúmeros interlocutores abraçam essas perspectivas, ainda que, conscientemente, não saibam esquadrihá-las. E isso pela cidade toda: desde os badalados bares da moda, com seus apreciados cardápios, até os sórdidos botequins da periferia em que cachaça com caju ou limão são as únicas alternativas.

Gente exaltada conversando aos berros, tira-gostos consumidos com ânsia gluttona, as dezenas de garrafas vazias de cerveja, os elogios caudalosos, a tempestade de ideias, nada disso constitui novidade na crônica dos bares feirenses. O que há de novo é a mudança de comportamento imposta pelo novo coronavírus.

Nas mesas dos bares, surge uma nova personagem: o cliente que, ciente das ameaças da pandemia, bebe devidamente paramentado com máscara. Nas micaretas do passado talvez alguma personalidade extravagante adotasse o acessório como fantasia. Hoje o imperativo da saúde se impõe e, nele, talvez até haja algum apego à excentricidade. Mas há o temor das gotículas fatais que podem conduzir a contaminação.

No sábado à tarde, identifiquei pelo menos duas personagens que investem na prudência. Ali na rua Artur de Assis – fervilhante artéria de comercialização de autopeças nas imediações do antigo Minadouro – um jovem compartilhava uma mesa metálica com vários amigos. Copos vazios de cerveja e cachaça, muita conversa e gestos enfáticos. E ele lá, interagindo, gesticulando, apostando no risco reduzido de contaminação com o adereço.

O outro eu vi ali nas imediações da Queimadinha. Numa mesa, a imprudência: dezenas de sujeitos num vozerio que alcançava as esquinas próximas. O conteúdo consumido de umas dez garrafas vazias explicava a razão da exaltação. Na mesa ao lado, um sujeito gordo, devidamente paramentado com sua máscara.

Estava na segunda cerveja. Sozinho, se dedicava a examinar quem passava pela rua quase deserta. Era início de tarde, o sol ardente. Acariciava o copo americano e a outra mão deslizava pela mesa de plástico, distraída. Mas, enlevado pela máscara,

parecia não atentar para o risco das mãos imprudentes, cujos movimentos não cessavam.

Talvez nem seja recomendável ficar flanando pelos bares, mesmo usando máscara para se proteger. Mas o cliente mascarado parece figura emergente nos bares e no folclore dos bares da Feira de Santana...

[Link do artigo no blog](#)

O silêncio do Bando e as memórias da cultura andante nas ruas de Feira

SOCORRO PITOMBO | 14 de julho de 2020

Neste julho não tem Bando Anunciador! A pandemia da Covid-19 tirou das ruas o alegre cortejo, que antecede os festejos em louvor a Senhora Sant'Anna, padroeira da cidade. Neste julho não tem zabumba, foguete nem mascarados. Na madrugada fria só o silêncio e a preocupação com a pandemia. Mas tudo isso vai passar e, com certeza, ano que vem o Bando estará de volta com mais força, irreverência e espontaneidade.

Acompanho essa tradição desde menina, quando a festa de Sant'Ana era realizada em janeiro, com direito a tocatas pelas filarmônicas Vitória, 25 de Março e Euterpe Feirense; Lavagem da Igreja e Levagem da Lenha.

Dois meses antes da festa, acontecia o Bando Anunciador.

A véspera do desfile era cercada por grande expectativa! Eu e minhas irmãs, ainda pirralhas, praticamente não dormíamos, esperando o grande momento. Ao primeiro sinal dos foguetes e gritinhos dos mascarados descendo o beco do Mocó, pulávamos da cama, ansiosas para ver o cortejo; um misto de receio e curiosidade, pois tínhamos medo das caretas!

Morávamos na rua Direita, hoje Conselheiro Franco, onde tudo acontecia.

Naquele tempo, como ainda hoje, era tudo muito espontâneo, quase improvisado. Lembro que o meu irmão, então um rapaz, desfilava com um grupo de amigos, todos vestidos de mulher; sapatos de salto alto, sutiãs, colares, brincos e outros acessórios eram tirados sorrateiramente das gavetas dos armários da minha mãe. O ponto de encontro do grupo era a nossa casa, por estar situada próximo à praça da Matriz, de onde saía o cortejo.

A verdade é que o Bando marcou a minha vida. Já adulta, como jornalista, assessora de imprensa do Cuca, órgão vinculado à Universidade Estadual de Feira de Santana, tive a oportunidade de trabalhar no projeto de retomada do evento. Era o ano de 2007, quando iniciamos os preparativos, visando resgatar essa antiga tradição, interrompida em 1987 por determinação da Prefeitura Municipal e da Diocese de Feira de Santana. A alegação era que o evento estava descaracterizado, com a introdução dos trios elétricos e o consumo de bebidas alcoólicas.



Não se destrói uma tradição. Ainda que sufocada, tem força para renascer. E foi o que aconteceu com o Bando Anunciador. Recomeçou de maneira tímida, contando basicamente com o público da UEFS. Mas esse impulso foi o bastante para acender no coração do feirense o desejo de ter de volta a mais rica manifestação da cultura local.

No ano seguinte o Bando cresceu. E assim sucessivamente, agregando vários grupos, vindos dos mais diferentes bairros, como Olhos D'Água, Chácara São Cosme, cada um se esmerando para apresentar o melhor.

Organizar o Bando Anunciador, como ainda hoje, não era nada fácil. Costumávamos ficar reunidos até tarde no Cuca, empenhados nas nossas tarefas. Eu atuava na divulgação do evento e acompanhava de perto o trabalho de pesquisa, a confecção dos adereços, dos estandartes, faixas e outras peças que davam colorido especial à manifestação de rua.

No dia do desfile tão esperado, de manhã, bem cedinho, quem chegava ao Cuca era recebido com um mingau de tapioca ou de milho verde. Era o nosso combustível para acompanhar o cortejo até o fim, sem perder o ânimo. Tudo pensado nos mínimos detalhes.

Fui até madrinha do Bando! Ainda hoje guardo comigo a faixa de seda com as letras abertas em lantejoulas douradas. Uma grata lembrança!

[Link do artigo no blog](#)

Uma 'story' no facebook (de antes da pandemia)

JÂNIO RÊGO | 3 de agosto de 2020



Eu vi o vaqueiro, e seu jaleco singularmente baiano, comprando milho assado no braseiro numa esquina do centro de Feira de Santana. Exatamente na velha rua, a primária, aquela nascida no alinhamento da igreja erguida pelos pioneiros para a devoção à avó de Jesus que hoje, sabe Santana por que, chama-se Conselheiro Franco, que vem a ser um senador, carioca, do tempo da monarquia no Brasil.

Na outra esquina está o prédio da Casa das Lâmpadas com fachada pejada de combongós e panos de concreto pintados com um alaranjado que recebe com festas o famoso sol poente da Feira. Uma edificação arquitetada por Amélio Amorim, um guru da estética feirense que dispensa maiores informações por aqui.

Já venho de outra esquina não tão vetusta como essas duas, apesar dos nomes – avenida Sampaio com Barão do Rio Branco. As memórias aqui são mais recentes e não estão apenas nos livros ou na tradição. De um lado, funcionou o JoBar (que tornou-se depois churrascaria) e no outro a funerária 'A Decorativa', de Lauritezen Bastos, que faleceu em 2016.

E da Estação Rodoviária, onde o painel de Lênio Braga feito há mais de 50 anos, retrata quase fielmente o mesmo vaqueiro da esquina da Con-



selheiro comprando milho assado, esse aqui, porém, no meio da velha feira das segundas-feiras na Feira de Santana.

Por fim, vou jogar dama no banco da matriz onde talvez chegue para uma partidinha básica o magnífico ex-reitor da Uefs, José Carlos Barreto de Santana.

Tudo isso foi antes da pandemia e da reabertura dos restaurantes nesta terça-feira. Bares e botecos continuam fechados.

No mais, boa semana.

[Link do artigo no blog](#)



Cocada do Galego

JÂNIO RÊGO | 29 de agosto de 2020



Com o tombo do Sarkis os pregadores sumiram daquela área por trás do coreto da praça do Lambe Lambe. Algum *barnabé* teve a ideia de levar as barracas expulsas com a interdição do edifício perto do Map para a sombra das duas falsas seringueiras da praça tirando o palco e a plateia dos enviados de Cristo e os crentes sonolentos e fiéis .

A ideia não funcionou, por ali não tem comércio, sempre foi um ponto morto entre os fundos da praça, a Sales Barbosa, com a feirinha de frutas, o ponto do ônibus. Nem vendas, nem evangelho nem os pastores voltaram.

Ontem senti falta deles quando vinha do Shopping Centro de Abastecimento Popular, subi lentamente a ladeira da rua Recife, barriga cheia de porco cozido com cuscuz lá de Dona Nal e Machado no Galpão das Farinhas, e parei pra comer cocada. Dava pra vê-los aqui da barraca do Galego, eles com a bíblia na mão, em passadas largas de david sobre a passarela entre os bancos que formam os jardins daquela praça também chamada de Bernardino Bahia (você escolhe).

Na história da alimentação brasileira a cocada tem lugar de destaque desde que Câmara Cascudo desbravou a gastronomia afro indígena portuguesa em suas pesquisas universais em tempos em que não haviam googles nem terraplanistas. O Galego as faz em vários sabores, como manda a mais remota tradição das mesas do litoral aos grotões. A de goiaba é minha preferida, desde quando descobri que Simon Bolívar adorava essa fruta, mas isso é outra história. Com o Galego faço a festa do reencontro pós pandêmico e tasco a pergunta já com a cocada ingressando na boca:

– Ôô, e ainda não desceu pro shopping?

Ele me olhou por cima dos óculos, sorriu, espalmou a mão com os dedos abertos e balbuciou: ali são mais cinco anos....pera, desculpe, cinco meses de serviço, tem muito serviço...

E eu ia dizer alguma coisa mas chegou outro freguês e eu me esqueci agora o que era. Isso foi ontem, de volta a Feira.

[Link do artigo no blog](#)

O silêncio das máscaras

JÂNIO RÊGO | 12 de agosto de 2020

Desci na praça do Lambe-lambe, segui por dentro, pelo coreto, peguei o beco do café Bendengó e fui ao Banco do Brasil da Conselheiro antes de seguir pela Marechal até o Feiraguay onde peguei a encomenda e me piquei de volta. O que era a encomenda? ah, isso não serve pra essa história....continue a ler, por favor.

A pandemia já nos mudou ou o centro da Feira está mudando? eis a questão, eu pensando como shakespeare passando na calçada do Museu Regional de Arte, o antigo prédio da Escola Normal desta terra de Padre Ovídio de São Boaventura ou de Helena do Bode (você escolhe....)

Sinto a cidade mais silenciosa ou é impressão? É a máscara contendo a zoadá, a conversa à toa, a gritaria histérica? pode ser também. O aceno de cabeça, o aceno com as mãos, cumprimentos que modulam a euforia dos encontros. Se nem nos reconhecemos de longe, e de perto temos dúvida de quem está por trás daquele pedaço de tecido, é preciso cautela.

Na Marechal, um propagandista bate palmas na porta de loja mas me parecem mais suaves, menos decibéis e menos doideira varejista....Será que estou vendo coisas? Não há uma euforia pelo fim de uma guerra, nem uma ressaca de um carnaval trágico, é algo diferente, um silêncio? uma tristeza? um medo? Será?

Na volta senti falta do vendedor de romãs maduras no Beco do Mocó, mas é engano, antes da pandemia ele já havia sido aconselhado pela Prefeitura a desocupar o lugar...nada mudou, penso e volto atrás, tem algo diferente, como uma paz num pântano, o prelúdio de um perigo iminente. *Você quem sabe*, leio o nome desbotado da pousada escrito sobre a porta estreita um pouco antes da entrada para o Beco da Energia. Não, não entrei no beco para ver Claudia ou falar de Márcio Punk e loucuras deslizando pelo calçamento irregular e fedor de mijo.

Nem ao Map eu fui quando descambei pra rua da Câmara onde fica o ponto de transporte para a Matinha. Nem só o governador é #correria...

[Link do artigo no blog](#)



FEIRA
(2020)

Gentes

O relojoeiro vai voltar pra casa

JÂNIO RÊGO | 16 de março de 2020



‘Seu’ Ivan tem uns 30 anos sendo relojoeiro na Feira de Santana. Como milhares de trabalhadorxs pelas ruas do centro, sua história é de sobrevivência: quando a indústria o demitiu ele encontrou na rua a oportunidade de sobreviver dignamente. e instalou-se próximo ao velho Mercado de Arte Popular (Map) onde está até... provavelmente até o fim deste mês, assim quer a Prefeitura.

‘Seu’ Ivan não vai ‘descer’ pro shopping popular como outros colegas dele naquele trecho. Quase todas as bancas ao redor são de relojoeiros como ele. Não vai mais arriscar, o tempo, a idade...vai levar o ofício pra casa e tentar atrair nova clientela. Na Feira todo lugar é um potencial ponto comercial. Na Feira de Santana comércio nas ruas é como sangue nas veias.

Há centenas de profissões exercidas pelas ruas do centro da cidade, centenas de histórias semelhantes a de ‘seu’ Ivan.

No começo da ladeira da rua Recife, por exemplo, uma das ‘descidas’ para o antigo, e em extinção, Centro de Abastecimento, a tesoura desse barbeiro faz cortes deradeiros. Tirar os trabalhadores de rua dessa artéria é quase uma obsessão para os

que defendem a ‘limpeza’ e ‘desobstrução’ das calçadas...quantos cabelos aparados, quantas barbas feitas, quantas auto-estimas infladas...

Já o ‘Galego da Cocada’, a melhor de todo o centro da cidade, planeja uma vitrine de dez sabores da gostosa sobremesa no balcão de seu box no shopping popular. Está agoniado para sair da praça Bernardino Bahia, e sofre pela demora. Essa semana foi ‘lá embaixo’ receber a chave. Que chave? “*Eles disseram 29, mas de que mês?*”

[Link do artigo no blog](#)

Bié e Santinha

JÂNIO RÊGO | 7 de março de 2020

tá tudo mudado, lá embaixo, no centro de abastecimento com a chegada do shopping.

bié e santinha vieram cá pra cima, na praça do tropeiro, recente, alugaram um boxe.

pois chega a prefeitura que resolveu reformar a praça e fecha o comércio dos bares.

essa semana encontrei o casal nas imediações do lambe-lambe. esse resumo do tropeiro foram eles que me fizeram. quem os alugou talvez soubesse do despejo iminente...

– e agora? – perguntei

bié abriu aquele sorrisão que lhe sai também pelos olhos e quando ia falar santinha atalhou, ligeira, decidida: vamos voltar lá pra baixo...



[Link do artigo no blog](#)

Ana da Maniçoba, patrimônio singular de Feira de Santana

LAILA GEOVANA BEIRÃO | 10 de março de 2020

Falar sobre Mulher Negra, é falar de Resistência, Força, Perseverança.

É falar da labuta diária para viver e sobreviver. Registrar a vivência é ato de cuidado a memória das pessoas que agregam valor a humanidade e Ana da Maniçoba é uma pessoa que enriqueceu a cultura e a história de Feira de Santana.

É necessário ter referência, lembrança e memória de valores para nos inspirar diariamente e escrever sobre a minha vovó, Ana da Maniçoba. É tecer linhas e páginas sobre: amor, bondade, justiça, partilha, comunhão, escuta, ética e sabedoria.

O que é viver eticamente? Não sei responder! Mas, posso falar sobre algumas observações que vi e ouvi da vida da minha avó, que inspira ética.

Pensei, narrar sobre uma véspera de Natal, onde o restaurante estava fechando, eram quase 16:00 horas e cerca de 15 meninos aparentemente viciados em drogas lhe pediram comida e ela alimentou todos eles. Lembro, que Seu Jorge, o vigia do Mercado de Artes, disse: – “Dona Ana, são todos vagabundos!” E ela respondeu: – “Estão com fome!” E fez as quentinhas para todos e pediu que seu Jorge fosse na praça em frente ao Mercado de Artes, entregar.



*“Não mexe comigo que eu não ando só
Eu não ando só, que eu não ando só
Não mexe não...
O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos...
O poeta me contou...”
(Maria Bethânia – Carta de amor)*

Esta música, seria a trilha sonora do fato que será narrado, vamos falar de um vizinho, homem branco que, se incomodou com o sucesso de Ana da Maniçoba, uma mulher, negra, mãe solteira, que vive com muito respeito e dignidade. Dona de um restaurante, bem frequentado e que desperta a inveja do forasteiro vizinho, que com pouco tempo que chegou, logo, se incomodou com o sucesso desta mulher.

O vizinho do restaurante de Ana da Maniçoba, da rua Tereza Cunha Santana, na década de 1970.

Segundo ela, ele era gerente do banco Bradesco, veio de Jaguaquara aqui para Feira de Santana e foi morar vizinho ao restaurante. *O nome dele era Joel... nessa época o major Diógenes, era o delegado de Feira, o delegado que era amigo do vizinho Joel também cismou com a casa e embargou seu funcionamento. Houve um Jantar para Joao Durval Carneiro que nesse tempo era Deputado Federal. Quando o pessoal acabou de sair, chegou o major com a polícia para fechar a casa... Fizemos um abaixo-assinado, com assinaturas de gerente de bancos, médicos, empresários, professores... todos com firma reconhecida, o meu advogado foi Dr. Roque Aras, o Juiz foi Dr. Jarbas e o promotor Dr. Galileu...*

O abaixo assinado foi para Agencia Geral de São Paulo, o advogado Roque Aras, requereu o mandado de segurança que foi aprovado:

“E eu ganhei a questão. O gerente do banco foi transferido...Eu ganhei a questão e todos os comerciantes de Feira fizeram uma festa. Os cavalheiros levavam O Whisky e as esposas as bandeja de salgados para comemorar”

Ana da Maniçoba é uma mulher que transborda respeito e amor, respeito pelo ser humano, respeito por si e pelos outros. Também citada por Oydema Ferreira como “Pérola Negra”. Já foi coroada Rainha da Micareta de Feira de Santana. Pelos historiadores e antropólogos é lembrada como *patrimônio de Feira de Santana*. Ela, que carrega o nome de Ana a padroeira da cidade. No livro “*Mulheres que deixaram marcas*” Ela também é citada. Já foi madrinha do Time Fluminense de Feira em 1977.

Recebeu:

Prémio Mãe do ano – 1990

Troféu Cidade 1996

Prémio Cidade – Feira de Santana 2007

08 de março de 2007 – Homenageada pelo Shopping Iguatemi (Feira de Santana)

Ordem Municipal do Mérito. Feira de Santana – BA – em 2009 recebeu o título em 18/09/2010.

Troféu Personalidades 2012 Feira de Santana-BA

Troféu 6º Encontro do Dia Internacional Da Mulher Negra. Feira de Santana-BA 2014

Troféu Maria Quitéria – Mercado de Artes Popular – 2016

[Link do artigo no blog](#)

Juarez você conhece; é Feira

JÂNIO RÊGO | 18 de outubro de 2020



meu amigo juarez!

se vc mora em feira de santana vc conhece, já viu. no mercado de arte popular, na rua nova, no centro da velha e boa cidade...

patrimônio, exemplo e diversidade, arte radical andante... um ser humano incrível!

gente da feira.

[Link do artigo no blog](#)

Malaca e o baterista incidental no centro da Feira

JÂNIO RÊGO | 19 de outubro de 2020

malaca, esse da foto, ficava aí nesse lugar. antes de março ele já havia sumido do trecho.

malaca é morador de rua sazonal. talvez movido a surtos psicóticos. a família o acolhe qdo ele se muda do seu abrigo que concentra-se principalmente ao pé da escultura que todo feirense deve saber que é de autoria de artista da cidade, vivo e atuante, o arquiteto juraci dórea.

malaca compunha a paisagem, com seu cabelo rastafari, um ar de serenidade e reflexão, performático na imobilidade, quase um modelo sendo permanentemente fotografado. como se estivesse acrescentando mais um elemento à arte profundamente terra e gente do talentoso juraci.



no lugar dele está o baterista incidental do vídeo. ainda é um anônimo mas é presença naturalmente mais barulhenta do que malaca e por isso mesmo mais observada.

e tem uma marca que o aproxima da essência dessa velha cidade mercantil: a busca objetiva e imediata pelo dinheiro.

a bandeja do artista (uma caixa de papelão) está no passeio aberta às contribuições.

já malaca, pelo mercado onde comprava rango todos sabem disso, administra sua própria renda social...

o baterista anônimo... quem sabe dos perrengues que passa nessa feira de santana?

lei aldir blanc pra ele.

a foto de malaca (sem máscara) é de 2018.

[Link do artigo no blog](#)

Cigana e 'seu' Paulo

JÂNIO RÊGO | 7 de maio de 2020

sei como está o povo da matinha sem 'seu' paulo e a cigana na linha da empresa rosa.

sei tanto que no último dia que voltei do centro da cidade para o 'cárcere privado' onde me encontro eu viajei com a dupla, ele no volante e ela no lugar de cobradora, vaidosa e espevitada, num diálogo permanente, ele e ela solícitos, brincalhões, preocupados com os passageiros, quase todos conhecidos pelo nome. moradores, como disse, do distrito da matinha.

a maioria do povo da zona rural tem uma empatia diferenciada com os que lhe servem e lhe são cordatos. aqui e alhures.

e a dupla consegue fazer do ônibus uma extensão da roça, uma sombra no quintal de casa que se move para feira de santana em um ambiente de alegria, descontração e segurança.

as vans são eficientes, são ligeiras. mas são menos confortáveis, por isso mais impessoais. pelo próprio espaço, nunca terá um 'seu' paulo e uma cigana fazendo a festa na ida ou na volta estafante do trabalho na cidade.

a matinha é muito próxima de feira de santana. tem uma relação quase de bairro. merece uma atenção diferenciada também.

mas o sistema de transporte de feira, como diz Andre Pomponet

“É fastidioso ficar mencionando, o tempo todo, os graves problemas referentes ao transporte público na Feira de Santana. Desde o começo do século – lá se vão 20 anos – que os transtornos vêm se avolumando.”

mas tudo pode mudar. isso se chama esperança, não é?

[Link do artigo no blog](#)

E lá se foi MTF sem exéquias

JÂNIO RÊGO | 28 de setembro de 2020



E lá se foi MTF sem exéquias, sem funeral formal como ele certamente gostaria. Sem féretro acompanhado por autoridades constituídas, as bancadas políticas e partidárias da Câmara de Vereadores, representantes da imprensa, talvez alguns discursos de corpo presente.

A covid19 censurou a *Manoel Teles Ferreira* essa cena pública provável. Logo a ele que prestigiava com insuspeita solenidade todas as sessões e ritos da Câmara, da Prefeitura, da Municipalidade...

“De tão assíduo na Câmara tornou-se invisível, de tão diferente virou folclórico”.

Agora é parte eterna da história da Feira de Santana, Feira de MTF.

[Link do artigo no blog](#)

Quero o Beco de volta, o Beco do Punk!

KAREEN MENDES | 2 de outubro de 2020

Nossos domingos eram felizes. Ah se eram... O dia mais preguiçoso da semana durante um tempo ganhou um gosto diferente. Na nossa Fêra, teve o tempo que domingo era dia de ir pro Beco da Energia com a família!

No Beco tinha show musical, lançamento de livro, desfile, exposição de quadros, esculturas e artesanatos em geral, tinha geladeiroteca, oficinas, workshops e muito mais. O Movimento “O Beco é Nosso!” foi a maior intervenção cultural de rua já vista nos últimos tempos!

O embrião dessa onda toda foi gerado na cabeça inquieta e criativa de nosso já saudoso Márcio Punk! Ele fez uma chamada na internet para que os grafiteiros da cidade fizessem uma intervenção no Beco, tudo consensuado com as moradoras de lá.

Para além dos grafiteiros, outras figuras da cena cultural da cidade colaram nesse momento, dentre elas, essa cantora que vos fala.

Foram muitos domingos tomando sol na cabeça, indo buscar instrumento e equipamento com os carros disponíveis, cantando e tocando pra mover os corpos daquela gente toda que foi se aglomerando em torno da idéia doida de gente que tinha sede de arte!

Fomos crescendo e aparecendo.

Vieram os apoios, os projetos, os editais e mais gente... muito mais gente! Lembro do dia que coloquei durante um show meu, uma criança em cima do palco... ela estava lá celebrando o seu aniversário, com bolo, bolas e o famoso parabéns! Imagine!!!

Muita coisa linda rolou no Beco! A cidade se voltou pra olhar o que era aquilo e o poder público lembrou que o Beco era uma rua da cidade, que tem nome, CEP e tudo mais, e que deveria ser tratado como tal. Que maravilha!

Ficam hoje ressoando todas essas memórias, que perambulam entre imagens e sensações, agora com o gosto amargo da saudade do Punk. Um multiartista que nos ensinou a fazer palco com roda de trator e madeirite, que fazia dancinha sensual no bar de Claudia quando eu cantava Janis Joplin e conseguiu agregar o grupo mais improvável possível em prol de uma idéia incrível.

Quero o Beco de volta... o Nosso Beco! O Beco daquela energia... O Beco do Punk!

[Link do artigo no blog](#)

Márcio Punk e a saga dos vaqueiros da Feira

JÂNIO RÊGO | 20 de setembro de 2020



A placa é um exemplo em bronze de um estilo político: registra a presença do senador Antônio Carlos Magalhães (ACM), ‘Presidente do Congresso’ e omite o nome do Prefeito Municipal, na época Clailton Mascarenhas, que estava há pouco mais de um ano no cargo sucedendo o falecido prefeito José Falcão da Silva, eleito em 1996, derrotando o grupo de ACM. Não sei se teriam feito o mesmo com Falcão ou se a placa ainda estaria aí...mas isso é outra história.

A avenida Olímpio Vital é um marco na configuração urbana de Feira de Santana. Deu continuidade à Getúlio Vargas, abriu espaços, arejou e desafogou o centro. De um beco que era tornou-se uma avenida com pista dupla, abrindo a visão para o pôr-do-sol, a rua nova e as serras ao oeste. Além do acesso mais fácil ao Centro de Abastecimento.

Foi Ruy Barcellos que fez a foto da escultura do vaqueiro caída do pedestal na Olímpio Vital e publicou na sua página no facebook onde fazia jornalismo social aliado a um jornal impresso que distribuía pessoalmente no seu vai-e-vem pela cidade. Ruy via tudo o que acontecia no burburinho do centro, todos os dias, inclusive nos domingos vazios. Era um *flâneur* (agradeço a

lembrança desse termo francês tão adequado a Ruy e ao hábito feirense de ‘bater boca de calça’ no centro da cidade à escritora Alana Freitas na sua cativante crônica nos 187 anos de Feira de Santana publicada no jornal ‘Folha do Estado’.)



A escultura não era uma obra de arte de artistas renomados como aquelas que se vê em muitos e importantes lugares de Salvador. Ao contrário, era anônima, não tinha autoria, quase não era arte, era mais simbolismo feito nas pressas eleitorais, em fibra de vidro revestida e ornada com adereços que foram se deteriorando, ela própria desmilinguindo-se até cair do pedestal e a Prefeitura levar como lixo.

Repercuti a nota e a foto de Ruy através do Blog da Feira mas era muito pouco para a indiferença que reina e foi então que Marcio Antonio Silva Dos Santos, o Márcio Punk, entrou em cena com a performance da foto e logo em seguida, utilizando um manequim de lojas da marechal, vestiu calça e jaleco, colocou chicote na mão e chapéu na cabeça e pregou no pedestal vazio deixado pelo vaqueiro velho. Milhares de pessoas que passam ali todos os dias se divertiram com a escultura-protesto que durou poucos dias, talvez proporcionais aos anos que durou o primeiro vaqueiro.

Márcio encantou-se e não viu uma nova escultura, o quarto vaqueiro da Olímpio Vital. O pedestal continua vazio.

[Link do artigo no blog](#)

Parabéns pra você

JÂNIO RÊGO | 25 de agosto de 2020

Zequinha passou um tempo dando ‘*parabéns*’, ‘*parabéns pra você*’, ‘*parabéns*’, “*olá, boa tarde, parabéns*”, aos que chegavam, aos que se iam, com esposas ou amantes, solitários, casais de namorados, grupos de universitárias, clientes novos e usuais, comedores ou não de picanha do ponto mais afamado nas áreas de entretenimento gastronomia e vida dos outros, o bar de Zequinha na avenida Getúlio Vargas na Feira de Santana. Zequinha sabe das coisas, dizem que ele conversa com os ETs...

Ora, porque em Feira o *parabéns pra você* tem uma dimensão mundial. É a cidade do mundo onde se dá mais valor ao aniversário. Vibração cósmica, quicá quântica...!, eu me empolgo, e você me diz calmamente que é assim em todo canto, digo não, não, em Feira tem outro *bêrêguêdê*, outro *bárágadá*...

Sabe aquela música, “*Amigos para sempre*”? em português ou espanhol, trovejante ou intimista, ópera ou mpb, venha do jeito que vier, aniversário sem essa música não era aniversário....houve um tempo que tive que decorar a letra pra não fazer vergonha.....Onde você vê aniversário com alvorada de fogos, carreata e café da manhã com banda de axé tocando o dia inteiro e a bomba explodindo da Matriz à igreja de São Roque dos Lopes lá em Jaíba? Débiceis 1000. Onde? Em Feira.

Em Feira tudo é maior, tudo é fantástico, quase tudo saía na BBC, mais recentemente na Globo e agora em Filipe Neto ou Bolsonaro a depender da cotação da bolsa de mercadorias. Em termos de cotação e mercadoria nada mais fluido como em Feira. Se espantaria sir Zygmunt Bauman constatando a espantosa fluidez dos mercados pelas ruas centrais da cidade, a Marechal interditada, o Calçadão reabrindo-se, o Beco do Mocó sem saída...a Micareta já morreu? se não morreu, antes disso pode dizer que mudou de lugar umas 300 vezes...tudo muda aqui na Feira...tem exceções mas não é delas que estamos falando...

Zequinha conhece a Feira...Em Feira é assim. Dê parabéns. E se puder mandar esse parabéns pelo Acorda Cidade, pela voz de Dilton Coutinho, de Orisa Gomes ou qualquer um da equipe do rádio, melhor ainda. Você não sabe como a aniversariante fica feliz...

Parabéns, Feira.

[Link do artigo no blog](#)

Bar de Zequinha, picanha e lero-lero na Getúlio

JÂNIO RÊGO | 9 de agosto de 2020

Com Gilton Maranhão não sentava qualquer um *pé rapado* e *deselegante*. Mas lá um dia, graças à manhosa e eficiente diplomacia de Reginaldo Pereira Tracajá, deixei de ser *um qualquer*, escanteado na última mesa depois da churrasqueira, e passei a dividir a cerveja e a picanha farta com o mais verdadeiro ‘lorde’ que já frequentou o Bar de Zequinha. Foi uma ascensão e tanto na invisível escala de valores daquele ambiente. Enfatizo “o mais verdadeiro” para distingui-lo de outros animais emalhados de vaidades e arrogâncias que também eram (e são) fiéis frequentadores daquela famosa esquina da Getúlio Vargas.

Ao privar do convívio de Giltão (era assim que o chamávamos) fui ‘blindado’ contra a exclusão hostil daquela fauna arrogante e elitista. Não que eu não saiba me defender das invectivas dessa nobreza falida, farta de arroto pecuários e riquezas falsas...mas me deu passe livre para ouvir e observar de perto os arroubos e dissimulações e assim melhor entender e melhor conviver com a sociologia desta terra de Georgina Erismann ou de Coleirinho da Bahia (você escolhe...).

Ora, os bares legítimos e bons, acolhem, elevam e enlevam todo tipo de gente, por isso são ambientes de convívio democrático e saudável, apesar dos excessos etílicos inevitáveis. E o de Zequinha, faça-se justiça, é um desses. Tem todas as características desses bares onde nascem as narrativas de uma cidade, de um país, das ideologias e histórias de fantásticas boemias que povoam o anedotário popular ou a literatura refinada de um Hemingway, Jorge Amado ou um Antônio Callado com o seu clássico dos clássicos *Bar Don Juan* (me perdoe a pedante literatice...).

Com certeza o advogado e gentil-homem André Lacerda, histórico frequentador e seu compadre, é mais credenciado a traçar o perfil e contar histórias, hilárias algumas, de José Roberto Coutinho, o Zequinha, o proprietário do Ponto. Mas arrisco dizer o que é do conhecimento público: Zequinha é a antítese do dono de bar padrão, sempre cheio de salamaleques e cortesias aparentes. Mesmo quem nunca pôs os pés lá sabe da fama e do estilo que, em verdade, mais atrai do que espanta clientes, pelo inusitado e pelo carinho que está envolvido na fingida grosseria. E sem falar dos garçons...é cada tipo...que ficam para a próxima, se houver.

Boa semana a todxs.

[Link do artigo no blog](#)

Feche a conta, Veridiano!

JÂNIO RÊGO | 12 de novembro de 2020



Nesse tempo Eliel de Paiva era mais radialista que publicitário. Portanto faz muito tempo. Ainda eram os paralelepípedos, não o asfalto, que nos ouviam gritar, alto, às gargalhadas, o nome abreviado do garçom Veridiano, Verí, esse ííííí, repetido à exaustão das cordas vocais, ecoando entre as mesas do Bar do Zequinha, irritante, repetitivo, correndo as galerias, espalhando-se com o vento entre as folhas da alameda do eterno canteiro central da Getúlio...onde floram em setembro os flamboyants de um tio de Eliel, o poeta Dival Pitombo...

– Verííííííííí’ – ele já sabia, era mais uma cerveja para a mesa....Verííí, um tira-gosto, mais um copo....

Madalena de Jesus, dia desses, falou no professor José Luiz Navarro a propósito de quê eu já não me lembro mais, tanta coisa se conversou nesse dia, por telefone. Agora fazendo esse texto e me lembrando daquele cenário do Bar de Zequinha, o vejo sentado em uma daquelas mesas, acompanhado da namorada, mulher, solene mas afável. Provável que estivesse por lá em um desses dias de exageros, ele mesmo afeito a esse clima de bar, discursivo e professoral, o sangue lhe subindo, soletrando

frases, elevando o tom, o rosto crispado que relaxava em um sorriso largo e olhos miúdos.

– Veríííííííí.....

O médico Antônio Fernandes tinha a veia intelectual bem afirmada e elevava a eloquência em longas falas sobre a gastroenterologia, a cultura, a cidade, a política, a medicina, a publicação que sua clínica fazia sob os cuidados do jornalista Egberto Costa, a picanha e o queijo coalho de Zequinha...se deixasse...

foto de André Lacerda: “Giltão, exercendo a Liturgia do Cargo, e dando Boas Vindas à Janio Rego”/Facebook

E Giltão? Gilton Maranhão? Hiii, não havia Veríííí na mesa dele e se havia o volume era baixo e o som breve sob os olhos arregalados de censura que ele nos punha.

Veridiano não se incomodava com a impertinência. Caboclo do Pará, abaianado nos olhos d’água da Feira, é manso e jeitoso, embora aquele ‘marketing’ lhe desse uma sobrecarga maior porque as mesas começavam a demandar pelo nome mais insistentemente gritado, bradado em eco e contravoz, algo de tenor e até soprano, Veríííííí !!!..... Veridiano levava numa boa o estardalhaço.

Até que um dia alguém não gostou...

“A história progride quando ocorre a transição do velho para o novo, e regride quando o velho opõe resistência ao nascimento do novo”. (Norberto Bobbio, em ‘Tempo da Memória’)

Foto de André Lacerda: 1)João, Júlio e Veridiano...!

Em Tempo: Veridiano, Eliel e Madalena estão vivos assim como os outros garçons da foto.

[Link do artigo no blog](#)



FEIRA
(2020)

Destinos

Feira é barril dobrado

LAILA GEOVANA BEIRÃO | 9 de setembro de 2020

“Os nossos Olhos D’Água vão se emocionar ao vermos que essa terra, na sua infância, teve a bravura de Maria Quitéria, a ousadia de Lucas da Feira e o esforço de trabalhadores livres e escravos (carregando cestos e tabuleiros, guiando carros de boi, vendendo um pouco de tudo na feira livre de Santana.)” (Feira uma cidade Princesa).

Esse texto é dedicado a todas e todos os feirantes, camelôs e barraqueiros que mantêm viva a cultura da cidade, à Feira. Mas que muitas vezes são vítimas da política intolerante, truculenta, racista e higienista e de políticos que ocupam os cargos de liderança, mas sequer caminham pelas ruas de Feira, a ponto de o legislativo da cidade aprovar uma Lei que proíbe os ambulantes nas calçadas. E contratar fiscais mais conhecidos como “rapas” para perseguir feirantes no centro comercial.

Feira de Santana, Terra da alegria tem a Micareta (primeiro carnaval fora de época do Brasil) como marco de festividade, afetividade e da magnificência do povo que nela habita. O Bando anunciador é a festa sagrada e profana que anuncia a celebração de Nossa Senhora Sant’Ana a Padroeira da cidade. A Expofeira agropecuária de Feira de Santana é um grande evento do segmento agropecuário.

Essa cidade abriga as feiras mais belas de todas as feiras. E um comércio fértil. Cidade da encruzilhada, pois aqui está um dos principais entroncamentos rodoviários do país. Agrega um importante polo Industrial. Cidade universitária e tem na UEFS o “Cavaleiro na Ordem das Palmas Acadêmicas” o prof. Dr. Humberto de Oliveira, ele recebeu a condecoração do Ministério da Educação da França por promover a cultura e a diversidade no mundo. Pelos trabalhos de Intercâmbio e promovendo eventos internacionais como: o Colóquio Internacional de Estudos Comparados.

O Mercado de Arte Popular é o palácio do povo e da cultura desta cidade. No MAP podemos encontrar a Magnífica Rainha Ana da Manicoba, ela transpira alteridade, respeito e amor e é um patrimônio vivo da cidade. Aos sábados, na praça João Pedreira tem capoeira de angola com o Mestre Claudio e os seus angoleiros do Sertão. Literatura de Cordel com o cordelista Jurivaldo Alves e percussão com o Mestre Nilton Rasta...tudo isso, no Mercado de Arte Popular.

As feiras de Feira são espaços de resistência e aquilombamento da cidade. Aquilombamento significa espaço de comunhão, resistência, liberdade e fraternidade.

18 de setembro, vamos celebrar o aniversário de Feira de Santana! Como diz o ditado popular: “Feira é barril, Feira é barril dobrado.”

[Link do artigo no blog](#)

A crônica da farinha de mandioca

ANDRÉ POMPONET | 25 de junho de 2020

Pão-de-pobre. Esse é apenas um dos nomes – e o mais pejorativo – da prosaica farinha de mandioca. Durante séculos ela foi a base da alimentação no Brasil Setentrional. Desde a década de 1970 o consumo vem em declínio. E, a partir do começo do século, a substituição por outros produtos se acentuou na dieta do brasileiro. Aqui na Bahia não foi diferente: se mais de 24 quilos eram consumidos, *per capita*, em 2002, essa quantidade caiu para pouco mais de seis quilos em 2017. Os números são da Pesquisa de Orçamento Familiar, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE.

Lembro que, noutros tempos, o produto era muito mais farto ali no Centro de Abastecimento. Dezenas de sacas – aquelas de 60 quilos – amontoavam-se defronte aos varejistas que, atarefados, atendiam a clientela ali no galpão de cereais. Combinada com o feijão, o arroz e uma proteína animal qualquer – os mais pobres atacavam de ovo –, a farinha era parte importante da dieta do sertanejo. Mesmo do sertanejo citadino, sem conexão com a vida rural.

As andanças da vida me permitiram atestar a qualidade da farinha aqui das cercanias da Feira de Santana. Autoridades no produto garantem que aquela produzida na vizinha São Gonçalo dos Campos é a melhor da região. Melhor até que as do Recôncavo, tradicional circuito produtor desde o período colonial. Lá, Nazaré firmou fama noutros tempos.

O cheiro perfumado e a consistência – muito suavemente granulada – são requisitos de qualidade. Como baiano saudoso, provei farinhas grossas, insossas, nas andanças em restaurantes de Belém do Pará e de São Luís do Maranhão. Infelizmente contracenava mal com os primorosos peixes e camarões daquela região. No Piauí, no Ceará ou no interior de Pernambuco também enfrentei sufoco, mastigando, desgostoso, saudoso da farinha baiana.

Quando por aqui as secas eram muito severas, importava-se farinha de mandioca do Paraná. Era o que informavam comerciantes no Centro de Abastecimento. Apesar da granulação parecida, o preparo industrial, a longa viagem e o armazenamento envelheciam o produto e comprometiam o sabor. No Brasil Meridional a farinha de mandioca é associada ao nordestino. Há, até mesmo, um certo estigma, que a associa à pobreza, à fome.

Lá em São Paulo, no Parque Dom Pedro II – na zona cerealista nos fundos do badalado Mercado Municipal – dezenas de armazéns vendem incontáveis condimentos e especiarias do planeta inteiro. Pois deu trabalho encontrar farinha de mandioca. Vi-a, desanimado, fina, quase como pó de mármore, num saco imenso. “É de Feira

de Santana”, assegurou o vendedor. “Eu sou de Feira de Santana”, repliquei e ele encurtou a conversa.

A qualidade da farinha baiana tem raízes longínquas. Bert Jude Barickman, brasileiro que andou estudando os produtos do Recôncavo – além da farinha, o fumo e o açúcar – informa sobre a importância do produto na Salvador dos séculos XVIII e XIX em “Um contraponto baiano”, livro de 2003: “Por mais variada ou até rica que pudesse ser a cozinha baiana, o trivial dos moradores de Salvador resumia-se a um pequeno número de gêneros. Entre eles, o principal era a farinha de mandioca”.

Em sociedades predominantemente agrícolas, como a baiana, a farinha de mandioca combinava-se a leguminosas, como o feijão e a alimentos como frutas, óleos, gorduras, carnes e peixes, assinala o pesquisador. Só que a maior parte das calorias diárias vem de um alimento principal rico em amido: “Na Bahia, esse alimento era sem dúvida a farinha de mandioca”.

O consumo não era brincadeira: os mais abastados consumiam, por dia, cerca de 567 gramas. A fartura chegava noutros ambientes: “Era essa a ração que se distribuía aos soldados aquartelados em Salvador e aos escravos empregados pelo Celeiro Público. Essa era também a ração dos presos pobres das cadeias da cidade”, informa Barickman. Muita farinha, para os exíguos seis quilos anuais dos dias atuais.

O que comem, hoje, os baianos mais pobres no lugar da farinha? Conversas com uma fonte credenciada – que conhece bem a periferia da Feira de Santana – indicam que os alimentos processados se sobrepõem à farinha de mandioca e ao feijão. Macarrão instantâneo, biscoitos, bolachas, lanches e salgadinhos incorporaram-se à dieta dos mais pobres. E vem contribuindo para o impressionante aumento da obesidade e do sobrepeso na última década.

A migração do campo para a cidade é coisa antiga. Foi intensa até os anos 1980. De lá para cá nasceram os filhos desses migrantes, já com perfil mais urbano. Periférico e pobre, mas urbano. Mudaram-se também os hábitos, sobretudo em função da correria imposta pelo trabalho, que favorece as refeições prontas. Daí o declínio do consumo da farinha.

Hoje, a paçoca – farofa de carne-seca desfiada –, o pirão e o pé-de-moleque estão se tornando produtos sofisticados, oferecidos em restaurantes caros. Até a farinha de mandioca – Quem diria – está se tornando *gourmet*. Apesar do consumo em queda...

[Link do artigo no blog](#)

Vendedores de hoje e de ontem nas ruas da Feira

ANDRÉ POMPONET | 30 de junho de 2020

Sempre ouço, lá fora, o carro do ovo passando. Uma voz rascante anuncia 30 ovos por dez reais. Um alto-falante, daqueles de camelô de feira-livre, amplifica a voz. Às vezes, chego à janela para examinar o veículo. É um automóvel antigo – cuja pintura no teto está manchada –, abarrotado de placas de ovos. Imagino que a pandemia da Covid-19 e a crise econômica favoreceram os negócios. Afinal, está sempre enfrentando, estoico, as vias esburacadas da Feira de Santana.

Mas há novidades na praça. Neste ramo, surgiram os vendedores de iogurtes, chocolates e biscoitos de uma multinacional de alimentos. Passam anunciando promoções incríveis em veículos e motocicletas plotados. Importaram a estratégia, que é antiga, da periferia de São Paulo. Costumam comercializar produtos no fim do prazo de validade. Daí as ofertas tentadoras, que magnetizam a clientela.

Noto com pesar que uns e outros, coitados, não tem o carisma dos vendedores de outros tempos. Quando os vejo, lembranças distantes, da infância, afloram. Nos anos 1980, quem passava de porta em porta vendendo seus produtos na rua da Palma, ali no Sobradinho, cativava mais. Não dispunham de apetrechos tecnológicos, mas eram portadores de uma simpatia inata e – mais – traziam sempre um sorriso estampado.

Naquela época, os finais de tarde eram de “Chico do Pão”. Trazia o produto num engradado na garupa da bicicleta. Uma buzina estridente auxiliava-o, advertindo as donas-de-casa. E lá iam os meninos recolher o pão e testemunhar o inevitável sorriso. Negro, alto, esguio, “Chico do Pão” não perdeu o sorriso nem quando começou a perder os dentes.

Sua memória afiada se antecipava aos pedidos, já que passava ali toda tarde. Os pães de doce – recheados de açúcar – faziam sucesso junto à garotada. Lembro quando ele sacava os impressionantes maços de notas do bolso – naqueles tempos de inflação galopante as cédulas valiam pouco – para entregar o troco. Muitos pagavam no fim do mês: os pedidos iam para um caderno espiral, cujas páginas iam se encardindo com o manuseio contínuo.

Passava gente vendendo leite também. O sujeito que vendia desfilava com chapéu de couro e gibão, montado num cavalo manso. Nas ancas do animal, dois toneis de alumínio abrigavam o produto, que ia sendo recolhido num caneco fosco. Engraçados eram os animais – quase todos tinham o pelo escuro – abanando com graça o rabo, enquanto aguardavam, pacientes, o desfecho da transação.

Passavam também aqueles que despertavam a euforia infantil – ambulantes com picolés da fruta, com as baianinhas multicoloridas, com o algodão-doce azul e rosa, com o quebra-queixo, com a taboca e a pamonha – quebrando o silêncio das tardes com seus pregões.

Naquela época os carros eram raros. Pelas ruas, o silêncio era intenso. Muitas áreas ainda eram despovoadas, as aventuras infantis sempre conduziam aos diversos olhos d'água das cercanias, naquele êxtase de ver a água brotando milagrosamente da terra. Nos começos de noite, as estrelas cintilavam muito vivas no céu; e, nos brejos encorpados pelos olhos d'água, havia o coaxar monótono dos sapos.

Tudo foi passando: os micromercados e as padarias extinguiram a ocupação de “Chico do Pão”; vender leite pela rua tornou-se atentado à saúde pública; supermercados e padarias arrebataram a tarefa. Mais carros surgiram, os brejos e os olhos d'água foram aterrados, deram origem às residências de alvenaria com portões metálicos inteiriços. E aquele silêncio indescritível, prazeroso, pulsante?

Aquele silêncio, hoje, só sobrevive na memória luminosa de quem viveu aqueles dias...

[Link do artigo no blog](#)

Novo Beco da Energia

JÂNIO RÊGO | 31 de outubro de 2020

Não há pandemia que não traga um bem. Adapto o velho ditado e o aplico ao Beco da Energia ou ao movimento cultural #obecoénosso nesse momento em que *o universo parece conspirar a favor* da manutenção, e revitalização, do desabusado trabalho de Márcio Punk.

O Beco já está inscrito no cadastro municipal para a lei Aldir Blanc e já se formou um consenso, entre as moradoras e antigos ativistas que participaram da fundação do movimento, acerca da elaboração de um projeto para disputar habilitação na lei Rouanet.

Além disso, *nunca antes na história* das muitas reformas urbanas por que passou a Marechal e adjacências o Beco da Energia foi incluído com tanta sensibilidade de parte dos técnicos da Prefeitura, que estiveram no local algumas vezes, conversaram com as cinco moradoras, e elaboram um projeto especial de inserção do Beco no que eles chamam de “Novo Centro”, que é o reordenamento urbano em andamento no centro da Feira de Santana.

Não é pouca coisa com a ausência de Punk, motor do impulso criativo gerado no Beco onde ocorreram inúmeros eventos artísticos e tornou o local uma exposição permanente de artes plásticas de rua, assim como o Beco do Batman em São Paulo, com um aspecto urbanístico bem mais marcante: existe moradoras e vida noturna no Beco da Energia.

A capacidade de agregação cultural do Beco é extraordinária e foi exibida em todos os tipos de eventos promovidos no local. É uma lista gigante de tipos culturais que passaram e ainda vão passar pelo Beco.

Segure aí:

Músicos (Dionorina, Quixabeira da Matinha, Roça Sound, Maryzélia e outros e outros), pintores (Juraci Dórea, Galeano, Vivaldo Lima, Jean Lima e outros e outros...) grafiteiros (Kbça, Coelho, Charles e outros e outros...), escritores (Clarissa Macedo, Carlos Pita...), Acrobatas, Arte Educadores, Atores, Antiquário, Arqueólogo, Arquivista, Apresentador circense, Bailarinos, Babalorixás, Bibliotecários, Bonequeiros, Bordadeiras, Brincantes, Camareiras, Caixeiros, Cantadores, Capoeiristas, Capataz de circo, Caracterizador, Cartoonista, Cenógrafo, Cenotécnicos, Cineastas, Cinegrafistas, cineclubistas, Compositores, Contadores de histórias, Contorcionista, Coreógrafo, Contra Regra, Cozinheiro tradicional, Customizadores, Dançarinos, Desenhistas, Designers Gráficos, Dj's, Diagramadores, Diretores de Teatro, Drags Queens, Dramaturgos, Doceiros, Escultores, Ensaiaadores, Encadernadores, Equilibristas, Ekedis, Estampadores, Editores de Imagem, Editores de Som, Figurinistas, Foliões de Reis, Fotógrafos, Hip hops / Mc's, Iluminotécnicos, Ilustradores,

Instrumentistas, Jongueiros, Luthiers, Locutores, Mágicos, Malabaristas, Maître de ballet, Maquiadores, Memorialistas, Mestres Sabedores, Mestres de terreiro, Montadores, Musicistas, Ogãs, Peruqueiro, Palhaços, Pernaltas, Poetas, Preparador Corporal, Preparador da voz, Produtores Culturais, Quilombolas, Rendeiras, Romancista, Roteirista, Ritimistas, Sambistas de roda, Sonoplastas, Stripers, Tatuadores, Transformistas, Trapezistas, Yalorixás

Uma ideia bem plantada não morre e tem sempre quem segure de novo ‘a bandeira’. No caso do Beco, uma moradora e comerciante do local assumiu o condão dessa mágica. Anote o nome dela: Cláudia, Cláudia do Beco.

[Link do artigo no blog](#)

A Feira entre ato e potência de bem-viver

DANIEL REGO | 13 de novembro de 2020

Dois dias até a eleição

Em um ano singular, o evento político pivô de 2020, as eleições municipais, parece ter sido relegado ao segundo plano. Tudo o ofuscou: o pleito americano — que assumiu (nos dois lados) ares de luta civilizatória —, as disparadas dos que ocupam o planalto, a segunda onda da malaise, o novo sistema de transferência de valores... Várias causas são apontadas: os exíguos 45 dias de campanha, a diminuição do financiamento, as restrições do distanciamento, a inexistência dos cavaletes.

Confesso que minha posição de “feirense emigrado”, que buscou refúgio em sua terra natal durante o caos global, me manteve mais ainda distante de um pleito no qual sequer voto. Sou lembrado dele apenas nas poucas vezes que saio à rua e cruzo com os carros plotados, ou quando me deparo com um fato político em destaque no Blog da Feira — até mesmo eles estão minguados nos jornais.

Fui convidado por um amigo para acompanhar o derradeiro ato da campanha de Jhonatas Monteiro, o rasta. Foi um bate papo virtual. Candidato a prefeito duas vezes, Monteiro é a principal aposta do PSOL de Feira: o partido investiu mais na candidatura dele à vereança do que na de prefeita de Marcela Prest. O conhecia apenas de nome e reputação — foi ele, aliás, quem infligiu a humilhação devastadora ao ex-prefeito Tarcísio Pimenta, derrotado “até pelo candidato do PSOL” em sua tentativa desastrosa de reeleição. (Em todo caso, vale lembrar ao ex-prefeito o destino inexorável do Fausto da literatura alemã...).

Jhonatas está bastante confiante; obteve bons resultados em 2018, sendo suplente do deputado estadual Hilton Coelho. Fez questão de remover o “elefante” da viabilidade logo de início: aposta não apenas que o partido deverá atingir o quociente, mas tem, em último caso, esperança na distribuição das vagas remanescentes.

A Feira que temos

Monteiro não é econômico nas palavras. Sua titulação acadêmica — é mestre e doutorando em história — e experiência de lutas políticas formaram alguém que angaria referências como o antropólogo francês Marc Augé e o líder assassinado George Américo com a mesma facilidade que discorre sobre as muitas lagoas da Feira. Não poupou críticas ao ‘continuismo’, a quem acusou de sequer cumprir as próprias leis, e ao legislativo municipal, que se mostra demasiado protocolar e pouco combativo.

Combatividade, aliás, é um objetivo declarado da candidatura. Criticou também a maneira como as eleições vem sendo conduzidas: seriam mais justas “se as outras candidaturas também cumprissem as regras contra aglomerações”. A recente decisão do TRE baiano de limitar atos presenciais de campanha foi devastadora para uma estratégia que se baseia no corpo a corpo e na panfletagem, sem carreatas (uma posição política do candidato) e com poucos recursos financeiros. “Muito problemática [a atuação do TRE]”, classifica.

Jhonatas fala muito de dados. Critica diversas vezes a ineficiência do poder municipal em disponibilizar informações, a falta de transparência dos atos públicos e o pouco interesse de setores do continuísmo e seus aliados em entender a cidade a sério. Lamenta também a distância que a Universidade ainda tem da realidade feirense, apesar de reconhecer que este é um padrão em todo o país. Suas propostas dependem intrinsecamente de saber sobre a Feira: Monteiro discorreu sobre o planejamento do transporte urbano a partir dos dados populacionais, de estudos sobre os recursos ambientais da cidade, da compilação de um calendário cultural popular e abrangente.

Seu possível mandato promete ser incisivo na cobrança do executivo e eficiente na mobilização dos diversos setores interessados em entender a Feira e mudá-la.

A Feira do bem-viver

Mas qual é a Feira de Jhonatas Monteiro? O historiador faz mais uma vez uso do seu repertório para esboçar uma ‘teoria’: classifica a situação política da cidade como “potencial negado”. A Feira, em suas próprias palavras, poderia ser o espaço do “bem-viver”, com sua riqueza hidrográfica, cultural e histórica convivendo em uma perspectiva popular de município. É, porém, uma cidade para a qual é negada a própria memória (ao menos aquela não narrada pela perspectiva oficialista dominante).

A Feira-Livre, que em sua visão deveria ser reconhecida como patrimônio imaterial da cidade, vem sendo sistematicamente destruída. A Feira onde se vive bem, para Monteiro, rejeita categoricamente a visão de organização que ele classifica como de “classe média”. O alardeado ‘novo centro’ é, para o psolista, uma estratégia continuísta para “reconquistar o apoio do empresariado comercial” da cidade. O sentido de pertencimento de uma das poucas cidades brasileiras que ostenta a Feira no próprio nome é negado a partir de um processo histórico de “modernização conservadora, antipopular e destrutiva para os direitos sociais”.

Jhonatas comentou sobre a possibilidade ‘inédita’ de um segundo turno na Feira que tem dono: “um segundo turno é importante para provocar desorganização da política estabelecida do município”, mostrando fraturas no poder de um grupo político que “tem tanta confiança [na sua hegemonia] que sequer cumpre suas próprias leis”. Evitou, contudo, explicitar qual seria o posicionamento de seu partido na provável disputa.

Entre a política e a antipolítica

Estão espalhadas por esta coluna (na qual escrevo com menos regularidade e assiduidade do que deveria) pistas do que é minha concepção (sempre provisória) da natureza da política. Um elemento que penso ser determinante é a ação, aqui em seu sentido amplo. Agir é realizar atos e proferir discursos, que por si próprio também se configuram atos. A política é o espaço entre o conflito total (que não é político, pois não há ação na violência absoluta) e o entendimento total (que é ainda mais ‘impolítica’, pois equivale à negação da pluralidade). Conflito e entendimento são, portanto, elementos indissociáveis do ser-política e possibilitam a existência singular do humano, esse animal-potencial, que é muito mais na medida em que pode vir-a-ser.

Mas não pretendo hoje teorizar muito mais sobre o que reputo ser a maior riqueza de nossa espécie. Quero apenas lembrar — a mim e talvez ao leitor — o quanto somos ato e potência. A “antipolítica” (um oxímoro) se apoderou de nossa era; seu objetivo: negar que o ser-humano é a causa eficiente de sua existência em conjunto. Precisamos mais do que nunca resgatar os sentidos da política, dessa capacidade tão fértil, tão rica, tão humana.

Hoje, a dois dias das eleições municipais, penso menos em quão imperfeito nosso sistema representativo é, em quão pouco porosa nossa esfera pública se mostra, em quão frustrados a antipolítica nos tornou. Não, não quero pensar em nada disso. Penso na ação, penso na utopia, penso na potência. Penso na Feira do bem-viver.

[Link do artigo no blog](#)

Este e-book foi diagramado utilizando
as fontes Literata para o corpo do texto e
Merriweather Sans para os títulos.

BF | BLOG DA FEIRA



Lei de Incentivo à
CULTURA

Patrocínio



ArcelorMittal

Belgo Bekaert Arames



ArcelorMittal



Realização



MINISTÉRIO DO
TURISMO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

